RESUMO

Os espaços para brincar na educação infantil desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças. Brincar é uma atividade natural e espontânea para os pequenos, e os ambientes especialmente projetados para essa finalidade permitem que eles explorem, experimentem e aprendam de maneira lúdica. Ao criar espaços para brincar na educação infantil, é importante considerar a diversidade de atividades que podem ser realizadas. Uma sala de jogos, por exemplo, pode oferecer uma variedade de brinquedos e jogos que estimulem diferentes habilidades, como quebra-cabeças, blocos de construção, jogos de encaixe e jogos de memória. Esses recursos ajudam a desenvolver habilidades motoras, cognitivas e sociais das crianças. Além disso, é fundamental que os espaços para brincar sejam seguros e estimulantes. Tapetes macios ou pisos emborrachados podem ser utilizados para evitar lesões em caso de quedas. Móveis e brinquedos devem ser adequados para a faixa etária das crianças, evitando peças pequenas que possam representar riscos de engasgamento. É interessante também incluir áreas ao ar livre, como um playground, no qual as crianças possam explorar a natureza, correr, pular e interagir com outras crianças. A conexão com a natureza é benéfica para o desenvolvimento físico e emocional, além de estimular a curiosidade e a criatividade das crianças. Os espaços para brincar devem ser flexíveis e adaptáveis, permitindo que as crianças criem e recriem os ambientes de acordo com suas necessidades e interesses. Móveis modulares e objetos que possam ser movidos e rearranjados facilitam essa flexibilidade, encorajando a autonomia e a criatividade. Além disso, é importante que os educadores estejam presentes nos espaços para brincar, interagindo com as crianças, incentivando sua participação e promovendo o aprendizado por meio da brincadeira. Os educadores podem desempenhar um papel ativo ao propor desafios, fazer perguntas e estimular o pensamento crítico das crianças durante as atividades lúdicas.

Palavras-chave: Aprendizado; Criatividade; Desafios.

INTRODUÇÃO

Como descrever um espaço de brincar? Podemos defini-lo como um ambiente estruturado para a diversão, onde uma variedade de objetos lúdicos é distribuída de maneira que as crianças possam usá-los para saciar suas curiosidades e encorajar suas investigações, ampliando suas habilidades por meio da exploração e elaboração de suposições. ABB descreve-o como um local encantado dedicado ao entretenimento infantil.

> Espaço de animação sócio-cultural que é encarregado da transmissão da cultura infantil como também pelo desenvolvimento da socialização, integração social s construções das representações infantis. (KISHIMOTO. 2010, p. 79)

No início, uma sala de brincadeiras surgiu nos Estados Unidos, mais especificamente em Los Angeles durante a profunda crise econômica dos anos 1930, como uma forma de disponibilizar brinquedos para suprir a demanda de crianças desprovidas desses recursos.

Nos anos 60, essa ideia alcançou a Europa com o mesmo propósito de empréstimo de brinquedos, porém com a adição de orientações às famílias com crianças com necessidades especiais.

No Brasil, as salas de brincadeiras chegaram nos anos 70, no estado de São Paulo, com o mesmo objetivo da Europa, e foram implantadas na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Somente em 1981, a primeira sala de brincadeiras com o intuito de proporcionar diversão às crianças surgiu em São Paulo. Esse recurso foi adotado pelo Hospital das Clínicas de São Paulo em 1994, na área de estágio dos estudantes da Universidade de São Paulo (USP), com o objetivo de amenizar as difíceis condições das crianças internadas.

Em 1997, a pesquisadora Anna Lou de Olivier chegou ao hospital e observou a importância da sala de brincadeiras no processo de aprendizagem de crianças com ou sem distúrbios. A partir de sua pesquisa, a sala de brincadeiras se tornou uma aliada no processo de ensino. Ela percebeu que era possível utilizar os brinquedos como recurso para a alfabetização. Esse modelo foi adotado pelas escolas e tem sido muito eficaz dentro das diretrizes dessas instituições.

Até o ano de 1980, a educação pré-escolar, como era chamada, não fazia parte formalmente do sistema educacional no Brasil, sendo apenas uma etapa preparatória para o ensino fundamental. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a educação para crianças de 0 a 6 anos se tornou responsabilidade do Estado, mas ainda era considerada pré-escola e separada da

educação básica.

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9394/96, essa etapa educacional passou a fazer parte da educação básica, alcançando o mesmo status do ensino médio e fundamental no que se refere à responsabilidade pela sua oferta. Em 2006, houve uma modificação na LDB em relação à idade de ingresso no ensino fundamental, que passou de 7 para 6 anos, e a Educação Infantil, em decorrência dessa mudança, passou a atender crianças de 0 a 5 anos. No entanto, mesmo sendo reconhecida como um direito de todas as crianças, tornou-se obrigatória apenas para aquelas de 4 e 5 anos, por meio da Emenda Constitucional nº 59/2009, que estabeleceu a obrigatoriedade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos de idade. Essa obrigatoriedade foi incluída na LDB em 2013, tornando a matrícula de crianças de 4 e 5 anos obrigatória.

A IMPLEMENTAÇÃO DAS BRINQUEDOTECAS

A implementação de salas de brincadeiras nesse contexto de progresso na Educação Infantil ainda ocorre de forma gradual, pois os responsáveis estão introduzindo as mudanças relacionadas a essa evolução.

Nos centros urbanos, onde as ruas foram tomadas pelos carros, percebemos a perda de espaços públicos como lugar de brincar. A maioria das crianças brincam em casa ou em espaços fechados como escolas, clubes ou centros de compras. Nessa condição é que a brinquedoteca aparece como um espaço importante para o desenvolvimento infantil, pois ela é um dos espaços dedicado a brincadeira livre. (CDCA

– Artigo 31)

Ao mencionarmos crianças, imediatamente pensamos em diversão, felicidade e energia, aspectos inerentes a elas. Por outro lado, quando abordamos educação, lembramos de estruturação, planejamento, observação e avaliação, pois nosso sistema educacional segue uma sequência de etapas em que uma sucede a outra.

Devido à natureza organizada e à busca por resultados positivos, é comum esquecermos, na fase inicial, que a aprendizagem ocorre quando a criança exercita sua criatividade e faz modificações em suas criações.

"...não só o visível, mas também o imaginado, nos permite ir além do óbvio. Permite que sejamos capazes de criar, de inventar o diferente, de ultrapassar o momento no qual se está." (CORTELLA, p. 31)

Durante a fase inicial da educação das crianças, é essencial estarmos atentos às suas condições de aprendizado. Muitas vezes, suas ações são interpretadas como desobediência, quando na verdade elas ainda não internalizaram as regras e normas impostas pela escola como requisitos para aprender.

No ambiente da sala de aula da educação infantil, as crianças estão constantemente em movimento, conversando e interagindo com objetos e colegas. Essa é uma fase de constante agitação, em que as crianças estão sempre envolvidas em algum tipo de movimento. No entanto, a escola, com seu modelo de ensino padrão, enfatiza que a aprendizagem ocorre em momentos de silêncio, o que não corresponde às condições naturais das crianças na educação infantil.

É frequente ouvirmos comentários sobre o comportamento das crianças, e na maioria das vezes são críticas em relação à forma como elas interagem em ambientes onde os adultos desejam tranquilidade. Quando uma escola elimina o parquinho para construir mais salas, esquece-se do impacto que a brincadeira tem no aprendizado das crianças e como isso afeta suas vidas escolares nessa fase.

Trabalhar em uma escola de educação infantil sem área de recreação ou brinquedos é bastante desafiador, pois ficamos limitados a atividades entediantes para as crianças, que necessitam de movimento e ação. Nessas condições, não há espaço para que elas possam realizar atividades envolventes, e infelizmente, isso está se tornando cada vez mais comum. Questionamos por que vemos a construção de escolas de educação infantil sem espaços ao ar livre ou áreas para atividades físicas. Mesmo que tenhamos brinquedos, também precisamos de espaços para brincadeiras, onde as crianças possam criar suas próprias brincadeiras e se movimentar livremente, sem restrições, promovendo relacionamentos e interações prazerosas entre elas.

"Se todo brinquedo é, realmente a realização nas brincadeiras das tendências que não podem ser imediatamente satisfeitas, então os elementos das situações imaginárias constituição, automaticamente, uma parte da atmosfera emocional do próprio brinquedo." (VYGOTSKY.2010, p.110)

Um projeto de intervenção em uma instituição de educação infantil que negligencia o aspecto lúdico é bem-vindo, pois nos faz repensar os padrões que criamos na

sala de aula, muitas vezes sem perceber o quão rígidos estamos sendo com as crianças e exigindo delas algo que ainda não conseguem compreender completamente, pois seus pensamentos e ações estão voltados para o mundo real. Para elas, tudo ainda precisa ser concretamente vivenciado, enquanto nós, com nossos modelos pré-estabelecidos, muitas vezes somos inaceitáveis para as crianças. No entanto, elas não têm voz, pois dependem dos outros, tornando-se sujeitos de direitos, mas sem o poder de reivindicar. Portanto, são os professores dessa fase da educação que têm a responsabilidade de reconhecer e cobrar dos responsáveis o quão importante é o brincar para as crianças, pois é por meio das ações praticadas durante o brinquedo e as brincadeiras que ocorre o processo de aprendizado.

Mesmo sendo pequenas, as crianças já sabem muitas coisas: tomam decisões, escolhem o que desejam fazer, interagem com pessoas e expressam seus conhecimentos e compreensão do mundo por meio de gestos, olhares e palavras. (KISHIMOTO. 2010 p. 57)

As brincadeiras livres, onde as crianças criam suas ações, oferecem uma ampla gama de possibilidades e podem ser consideradas verdadeiras brincadeiras, pois atendem às condições de aprendizado das crianças. Nesse contexto, o professor deve ser um observador atento, e não um avaliador, pois na atual abordagem educacional da educação infantil, a avaliação muitas vezes se sobrepõe ao significado da aprendizagem.

Quando paramos para refletir sobre nossa condição de professores, percebemos o quanto estamos constantemente avaliando. No entanto, para essa fase da educação, as ações e interações com objetos e colegas são muito mais produtivas do que o uso de lápis, cadernos ou outros materiais comumente utilizados nas escolas, mas que não possuem significado relevante nesse estágio.

I - Desenvolvimento de si e compreensão do mundo por meio de experiências sensoriais, expressivas e corporais, fomentando ampla movimentação e respeitando o ritmo e desejos da criança. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI. 2009, p.73)

Na instituição de educação infantil em que trabalho, a criação de uma brinquedoteca é de extrema importância, pois estamos situados em um espaço sem áreas destinadas a brincadeiras livres, ou seja, espaços que proporcionem movimento e atividades que envolvam a motricidade.

No entanto, a criação da brinquedoteca por si só não supre as necessidades das crianças, pois elas também precisam de ambientes que permitam movimentos coordenados direcionados e livres, onde possam exercer sua autonomia, ou seja, escolher o que melhor atenda às suas condições de aprendizado.

A IDEIA DE INFÂNCIA

No Brasil, a concepção atual da infância e do papel da criança em nossa sociedade é resultado de uma extensa construção histórica, na qual a criança passou a assumir uma nova posição social. É importante lembrar que, na sociedade medieval, não existia uma percepção cognitiva e afetiva da criança, e ela participava das atividades sociais como forma de preparação para a vida adulta. No entanto, desde tempos antigos e ao longo da história, em diferentes regiões geográficas, há evidências de que o ser humano sempre se envolveu em brincadeiras. Portanto, em todo o mundo:

A ideia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo, assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Esse conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade. (KRAMER, 1982, p. 20).

O ato de brincar é transmitido de geração em geração, permitindo assim uma continuidade histórica. Inclusive, existem relatos de adultos que participaram ou participam de brincadeiras: "dependendo da cultura ou do período histórico, brincar fez ou faz parte da vida dos adultos também" (Lima, 2016, p. 62).

Ao observar as brincadeiras das crianças e sua capacidade de imitação, o século XVIII reconhece o conhecimento infantil como uma forma de acessar a origem da humanidade. Há uma suposição de equivalência entre povos primitivos e a infância como uma fase de imaginação e poesia.

No nosso país, as experiências da infância eram definidas por fatores como inserção social, raça e gênero.

No entanto, nos últimos anos, tem havido um esforço sério para consolidar uma visão da criança como cidadã, um sujeito criativo, um indivíduo social e produtor da cultura e história, ao mesmo tempo em que é influenciada pela história e cultura contemporâneas. Existem também diversas pesquisas que discutem os resultados e direcionamentos desse esforço. Friedmann (2012, p.17) nos faz refletir:

As crianças estão crescendo em universos "multiculturais", recebendo influências de diversas culturas: a familiar (dos pais, mães ou outros adultos responsáveis por elas), a da comunidade em que estão inseridas, a praticada na escola e a cultura global (transmitida pela mídia). Todo esse "caldeirão" se reflete nas brincadeiras, onde as crianças mesclam esse rico universo lúdico.

Ao longo do século passado, no nosso país, houve um movimento crescente em direção à Educação Infantil. No entanto, somente nas últimas décadas ela foi oficialmente reconhecida, graças a várias necessidades e estudos nas áreas de Psicologia, Pedagogia, Antropologia, Fisiologia e outras. A ideia de cuidar da criança progressivamente foi substituída pela concepção de que ela é um ser pensante, social, cognitivo e ativo em sua própria história. Essas mudanças passaram a desafiar pais e educadores na busca por comportamentos e abordagens mais adequados.

Após a Proclamação da República em 1889, o Brasil passou por um processo significativo de industrialização. As mulheres começaram a ingressar no mercado de trabalho, enfrentando a dificuldade de não ter onde deixar seus filhos. Surgiram, então, as cuidadoras que cuidavam de várias crianças ao mesmo tempo para que suas mães pudessem trabalhar. Como consequência, houve um aumento na taxa de mortalidade infantil devido a problemas emocionais e físicos, como a ausência materna e a falta de higiene.

Nesse contexto, surgiram as primeiras creches, mantidas pelos próprios usuários ou de forma filantrópica, com o objetivo principal de prestar assistência, garantindo o cuidado físico da criança e tratando-a como um indivíduo extremamente dependente e frágil. Os adultos que trabalhavam diretamente com essas crianças não possuíam formação acadêmica e eram responsáveis por ensinar as regras de comportamento.

Com o tempo, o ambiente escolar da Educação Infantil foi se transformando, e a concepção da criança passou a vê-la como um ser em constante desenvolvimento, pensante, ativo e construtor do seu próprio conhecimento. A escola, como instituição, sentiu a necessidade de se adaptar e se reajustar.

AFINAL, POR QUE BRINCAR?

Brincar é uma atividade biológica, histórica e cultural que, comprovadamente, contribui para o desenvolvimento integral da criança e está relacionada à sua forma de interpretar e interagir com o mundo ao seu redor. Estudos no campo da neurociência mostram que brincar promove redes cerebrais altamente complexas, estimulando funções cerebrais essenciais para o sucesso do desenvolvimento. Como Lima nos mostra: "Diferentes áreas do cérebro são ativadas durante a brincadeira. Cada brincadeira, dependendo dos elementos envolvidos, desencadeia um tipo de funcionamento cerebral. Portanto, a diversidade no ato de brincar é muito importante" (Lima, 2016, p. 60).

Seja sozinha, em parceria ou em grupos, a criança encontra na brincadeira a oportunidade de usar seus recursos para explorar o mundo ao seu redor, ampliar sua percepção sobre ele e, principalmente, sobre si mesma. Ela organiza seu pensamento, trabalha seus vínculos afetivos, sua capacidade de criar, ser sensível e ter iniciativa. Desde bebês, as crianças brincam, seja com seu próprio corpo, seja interagindo com o corpo da mãe. Como afirma Lima: "A atividade de brincar surge no bebê quando ele ainda não tem nenhum modelo para imitar" (2016, p. 63).

Por meio do brincar, a criança também desenvolve suas habilidades mentais de abordagem, cooperação, concentração e criatividade, como mencionado por Lima: "Ao analisar essas habilidades, podemos perceber que brincar proporciona situações de desenvolvimento para a criança, que apoiam a aprendizagem de conhecimentos sistematizados" (2016, p. 70).

Embora seja um tópico amplamente estudado e debatido em várias esferas acadêmicas e educacionais, o ato de brincar ainda é um assunto que está longe de esgotar as reflexões sobre sua importância, relevância e contribuições para a Educação. De acordo com as bases psicopedagógicas, a educação deve articular uma série de elementos para ser efetiva, como destaca sabiamente Adriana Friedmann:

Ao conceber atividades significativas e desafiadoras que atendam aos objetivos, é crucial integrá-las de maneira abrangente, levando em consideração a realidade sociocultural das crianças, seus estágios de desenvolvimento e os processos de construção do conhecimento, valorizando o acesso aos

conhecimentos dos universos físico e social.

(FRIEDMANN, 2012, p. 45).

Todos esses aspectos contribuem de maneira significativa para prevenir e solucionar dificuldades de aprendizagem. Ao longo do tempo, a Educação Infantil passou por transformações importantes. Da função assistencialista e compensatória, chegamos a uma concepção de educação para a primeira infância que estuda e reflete sobre a criança, estabelecendo objetivos e conteúdos escolares coerentes com seu desenvolvimento cognitivo. Existem diretrizes nacionais e documentos pedagógicos elaborados por profissionais da Educação de diversas áreas que orientam e regulamentam esse segmento educacional.

As instituições de ensino constroem seus currículos com base nessas diretrizes, abrangendo áreas como identidade e autonomia, práticas linguísticas, matemática, brincadeira e movimento, natureza e sociedade, e artes. Embora este estudo não se aprofunde nesses aspectos da Educação Infantil, uma vez que o foco é o ato de brincar no contexto escolar, é importante mencioná-los para refletir sobre o quanto cada um desses campos de experiência influencia o tempo dedicado à brincadeira no cotidiano escolar.

Winnicott afirma:

A criança adquire experiência por meio da brincadeira. A brincadeira é uma parte importante de sua vida. As experiências, tanto externas quanto internas, podem ser enriquecedoras para o adulto, mas para a criança, essa riqueza reside principalmente nas brincadeiras e na imaginação. (WINNICOTT, 2013, p. 163).

As crianças, mesmo as bem pequenas, chegam à escola trazendo consigo muitos conhecimentos e desafios. Por meio de estratégias e metodologias mais lúdicas, é possível permitir que elas construam conhecimentos sobre o mundo ao seu redor. A brincadeira é uma atividade social na infância. A criança que brinca mergulha no mundo da representação e experimentação, que são fundamentais para a construção de sua identidade, personalidade e compreensão do mundo em que está inserida.

A brincadeira desempenha um papel importante na Educação Infantil, pois, além de ser uma atividade social, é resultado de interações sociais e está enraizada na cultura de um povo. A criança, como sujeito histórico e social, se organiza por meio das brincadeiras, imagina e reflete sobre suas relações familiares e sociais, vivencia diferentes papéis, experimenta e elabora situações, compartilha, negocia, cria, sente, imita, transforma, dialoga, imagina, propõe, observa e questiona.

Fonseca afirma:

"O jogo é a principal fonte de desenvolvimento nos anos pré-escolares. Nele, a criança transforma os brinquedos construídos socialmente, uma vez que ela ainda não possui poder criativo para criá-los, enquanto adquire funções psicológicas cada vez mais estruturadas. Nesse caso, os brinquedos desempenham, em termos ontogenéticos, a mesma função que instrumentos e sinais desempenham em termos sociogenéticos." (FONSECA, 2008, p. 392).

Muitas correntes pedagógicas defendem que a aprendizagem lúdica é a abordagem mais adequada e eficaz na Educação Infantil. No entanto, uma preocupação é até que ponto essaApesar de ser um assunto amplamente pesquisado e discutido em diferentes instituições acadêmicas e educacionais, a atividade recreativa, o jogo ainda é um tema que está longe de esgotar as reflexões sobre sua importância, relevância e contribuições para o campo educacional.

Para estabelecer e concentrar esta investigação, adotarei como base a corrente Sociocultural, representada por Jean Piaget, que defende no âmbito da Psicologia do crescimento "a existência de uma interação mútua entre o indivíduo e o ambiente: enquanto a criança altera o ambiente, ela própria é alterada por ele" (Friedmann, 2012, p. 20), principalmente porque é a corrente de trabalho com a qual mais me identifico e na qual atuo profissionalmente, acreditando que ela promove uma relação mais respeitosa do estudante com seu próprio conhecimento.

A concepção Sociocultural do Brincar permite refletir sobre a educação como uma ferramenta de desenvolvimento crítico, autônomo e consciente.

A atividade recreativa possibilita que o educador tenha uma perspectiva ampla de seu grupo, permitindo uma observação e um escutar mais personalizados de cada aluno, obtendo diagnósticos sobre sua etapa, necessidades, habilidades, interesses, dificuldades e pensamentos.

No entanto, a atividade recreativa vai além de uma metodologia. Ela está intrinsecamente ligada à concepção de educação do professor e da comunidade escolar como um todo. Friedmann resume: "adotar uma postura recreativa significa aprender

a incorporar as linguagens expressivas das crianças e adotar essa atitude em todos os conhecimentos e atividades" (2012, p. 46).

A concepção do professor e de seu papel como mediador e instigador deve estar muito clara, pois somente assim ele conseguirá desenvolver ações preventivas e detectar problemas de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da existência de registros oficiais sobre estruturas, diretrizes e expectativas curriculares, nos quais o ato de brincar é reconhecido como uma atividade essencial para o pleno desenvolvimento infantil, ainda há uma forte resistência por parte dos professores em adotar uma abordagem mais centrada na criança, que valorize seus interesses e conhecimentos. Os currículos estão cada vez mais focados em conteúdos, preocupados em cumprir os objetivos estabelecidos pelos adultos envolvidos no processo educacional.

Permitir que os alunos brinquem de forma espontânea e autônoma exige um constante exercício de observar, escutar e silenciar preocupações. Quando brinca, a criança elabora seus medos, ansiedades, ideias, certezas, dúvidas, dificuldades, desejos e uma variedade de necessidades emocionais, cognitivas, sociais e físicas.

Os ambientes e materiais, quando cuidadosamente pesquisados e considerados, assumem o papel de educadores, pois de diversas maneiras contribuem para a relação da criança com seu próprio conhecimento. E é na brincadeira que essa característica se intensifica, pois a criança precisa estruturar e articular ideias com seus colegas, estabelecendo engrenagens coletivas de pensamento e ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABB – Associação Brasileira de Brinquedotecas. Disponível em: brinquedoteca.org.br/histórico. Acesso em 02 mai.2024.

BRASIL Ministério da Educação e Cultura. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional. 9394/96 - Brasília – 1996,

BNCC – Base Nacional Comum Curricular – Brasília 14 de dezembro de 2018. CORTELLA – Mário S. Pensar bem nos faz bem!: filosofia, religião, ciência e educação 2ª ed. Vozes 2014.

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.

KISHIMOTO – Tisuko M. Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil Anais de I Seminário Nacional; Currículo em movimento11/2010.

VYGOTSKY. Lev S. A formação Social da Mente (Or. COLE Michel, STEINER, - Vera J. – SCRIBNER Sylvia – SOUBERMAN Ellen) MEC, FNDE Martins Fontes Sp.

2010.